

Galgano, Nicola

GREGORY, Andrew. *The Presocratics and the Supernatural*.

ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

RESENHA

THE PRESOCRATICS AND THE SUPERNATURAL

GREGORY, Andrew. *The Presocratics and the Supernatural*. Oxford: Oxford University Press, 2014

Nicola Galgano
Doutor em Filosofia pela USP

O livro de Andrew Gregory, *The Presocratics and the Supernatural*, 2014, Oxford University Press, é um livro que traz contribuições para a história da filosofia, da medicina, da religiosidade e da cultura grega antiga em geral. Trata-se de um trabalho meticuloso, que cobre um período de mais de um século e que enfrenta pensadores muito diferentes: tanto os filósofos – desde os jônicos e pitagóricos até Demócrito – quanto os médicos hipocráticos, os trágicos e os historiadores.

Tema central do livro é a relação destes pré-socráticos com o sobrenatural. Mais especificamente, partindo de uma noção de naturalismo pré-socrático bastante consolidada entre os estudiosos, o trabalho quer verificar até que ponto são justificadas as muitas críticas a esta noção, críticas que dizem que os pré-socráticos acreditavam nos deuses, na eficácia das práticas mágicas e que tinham uma visão mística do mundo.

Nessa questão, o primeiro problema consiste em estabelecer o que se entende por ‘sobrenatural’. De fato, sob esta denominação podem ser incluídas ambigualmente tanto a existência de entidades divinas ou semidivinas nas quais se tem fé, quanto fenômenos ligados às atividades destas entidades nos mundos divinos ou no natural, quanto também a comunicação com o sobrenatural. Tratam-se de práticas religiosas mas também mágicas e mânticas em geral. Todavia, uma prática mágica não é necessariamente sobrenatural, pois de fato, pode ser somente um processo determinístico do qual não se conhecem as interações; ou um deus pode não agir segundo um seu desejo arbitrário, mas estar submetido a leis precisas que não podem ser transgredidas. No primeiro caso resulta difícil pensar que uma tal magia

Galgano, Nicola

GREGORY, Andrew. The Presocratics and the Supernatural.

seja autenticamente sobrenatural e, no segundo caso, um deus submetido a leis naturais, mais do que determinar a natureza é por ela determinado, isto é, ele próprio é natural.

Assim, a primeira preocupação de Gregory é esclarecer estes conceitos e consegue perfeitamente com uma estratégia simples e maximamente eficaz: não se trata de opor natural e sobrenatural, mas natural e não natural. Isto é, partindo de uma noção de natureza e, portanto, de natural, lhe opõe a noção muito mais clara de ‘não natural’, escapando aos muitos problemas levantados pela ambiguidade da noção comum de sobrenatural, não por último o fato de que esta palavra não tem um termo correspondente em grego.

Não é propósito do autor de examinar todos os pré-socráticos, mas ao menos os mais representativos e, principalmente, de estender o estudo também àqueles que, sem se dedicar especificamente à temática filosófica, são porém expressão daquele tipo de cultura; portanto, inclui antes de tudo os hipocráticos, mas também alguns trágicos e alguns historiadores, procurando evidenciar sua mentalidade, reflexo do ambiente intelectual que contribuíram a criar com sua atividade inovadora.

Antes de proceder à análise dos vários pensadores, o autor esclarece sua posição pessoal em relação ao sobrenatural. Eis suas palavras: “Quero deixar clara a minha posição sobre a magia moderna, sobre o sobrenatural e sobre as ideias associadas. Sobre estas coisas sou totalmente racionalista. Sou fortemente cético no sentido moderno da palavra e não somente duvido das afirmações da magia moderna, mas acredito que seja falsa ou impossível.” E continua listando astrologia, alquimia, numerologia modernas e outras manifestações tidas do “sobrenatural” como sendo sem sentido. Além do fato de que uma declaração dos próprios pressupostos por parte do autor só pode ser benéfica para a compreensão crítica do texto, neste caso, um racionalismo metodológico resulta muito próximo de uma neutralidade de análise, porque por não se propor a defender de um credo de qualquer tipo, por um lado, pode evidenciar nitidamente, quando as há, as posições claramente religiosas daqueles autores e, por outro lado, pode deixar numa área mais neutra aquelas afirmações indecisas ou ambíguas, resistindo à tentação de inclui-las numa genérica quanto confusa ideia de religiosidade. E Gregory, deste ponto de vista não nos decepciona, conseguindo nos mostrar, com seu método racionalista, elementos que poderiam ser interpretados como ‘não naturais’ até mesmo em pensadores considerados entre os mais racionalistas e materialistas, isto é, Leucipo e Demócrito.

Galgano, Nicola

GREGORY, Andrew. The Presocratics and the Supernatural.

Depois de ter esclarecido seus próprios pressupostos, o autor esclarece também as noções que ele utiliza, tais como natural, sobrenatural, não natural, deus natural, magia; e também noções como aquela de oração, a qual por força de linguagem, pode simplesmente significar um vivo desejo que determinada coisa ocorra, a expressão de uma esperança mais do que um pedido a um deus. Esta operação de esclarecimentos preliminares é essencial e quase que totalmente bem sucedida, especialmente se se considera a dificuldade de evitar equívocos no território nebuloso do sobrenatural. Teria sido possível ir além e oferecer esclarecimentos maiores em áreas em geral muito obscuras. Por exemplo, a magia não está claramente definida, mas, por outro lado, reportar a definição clássica – a magia é a conexão entre um fenômeno causa e um fenômeno efeito dos quais se desconhece a relação – teria sem dúvida conduzido a discussão longe demais.

Assim, com os instrumentos preparados pelos esclarecimentos iniciais, o autor se dirige para o início da análise. Nós esperaríamos um início com os Jônicos, mas ele começa com Platão e Aristóteles, mais uma vez para esclarecer noções e pressupostos; de fato, ele nos mostra que disciplinas como astrologia, alquimia antiga e as relações supostamente mágicas entre macrocosmo e microcosmo estão longe de ser não naturais, elas são consideradas naturais por estes pensadores, a indicar, para começar, o ambiente cultural melhor documentado, mais próximo àquele dos pré-socráticos.

Então, já na parte analítica, mantendo como fundo Homero e Hesíodo, o autor segue com Anaximandro, analisando meticulosamente a sua meteorologia, a cosmologia e a zoologia, a sua relação com o divino e também os casos especiais como a numerologia, o terremoto espartano, a eclipse. Propõe novamente o mesmo método com Anaxímenes e faz uma breve referência a Diógenes de Apolônia. E justamente a propósito de Diógenes de Apolônia o autor faz emergir uma das várias questões muito interessantes que o estudo suscita. Diz Apolônio que o ar guia o mundo (fr. 5), um exemplo claro de como aquilo que controla e dirige o mundo não está fora mas dentro dele. Então, um tal demiurgo é natural ou não natural? A série dos milésios termina com Tales e na conclusão ao capítulo é reportado um termo que o próprio autor considera anacrônico mas que, ele acredita, serve a nos fazer entender um pouco melhor como pensavam estes sábios. O termo em questão é panteísmo. Eu também, como o autor, penso que o uso desta noção seja fora de lugar e de tempo, mas, diferentemente do autor, não acredito que ajude a esclarecer, pelo contrário, penso que ajude a confundir. Menos equívoco um outro termo usado por ele: pampsiquismo. Em todo caso, por

Galgano, Nicola

GREGORY, Andrew. The Presocratics and the Supernatural.

sorte, o quadro completo desenhado pelo inteiro livro reduz muito e dilui estas pequenas imperfeições, deixando-as de fato inócuas.

Os dois capítulos subsequentes são inteiramente dedicados aos hipocráticos, especialmente aos livros *De Morbo Sacro* e *De Dieta*, e me parecem a melhor parte do livro. A discussão é meticulosa e, passo a passo, examina não somente as críticas a favor e contra o suposto ateísmo da medicina hipocrática, mas também temas delicados como aquele da oração ou, ainda, a relação entre profecia e prognóstico, um tema que merece ser discutido em âmbito de estudos epistemológicos ainda hoje. Não são evitados, ali onde se apresentam, os problemas filológicos, para evidenciar como, por exemplo, em função do sentido que se quer atribuir a um *tynchanose* obtêm interpretações diferentes e até mesmo opostas de uma mesma passagem. Além dos temas já citados nos milésimos, encontramos aqui, como está dito acima, os temas da oração e da profecia e também uma análise do *De Dieta* IV que trata dos sonhos, com belas conclusões que não quero antecipar. Considero, portanto, que nestes capítulos hipocráticos o autor desenvolve um excelente trabalho.

Daqui em diante os temas perdem homogeneidade e as coisas se complicam e não de pouco. Já Xenófanes, com a afirmação de um deus único, com a referência à metempsicose e com seu forte naturalismo impõe reflexões complexas; e depois dele temos ainda Heráclito, crítico sim da religião, mas ambíguo quanto à religiosidade. Depois, o autor trata do Papiro de Derveni e, sucessivamente, ainda de Anaxágoras, Tucídides, Aristófanos e Eurípides, em um grande esforço de síntese entre atividades e mentalidades muito diferente entre si.

Quando finalmente pensávamos ter colocado um pouco de ordem nas nossas ideias, eis que nos encontramos, no capítulo seguinte, às voltas com um tema entre os mais espinhosos: o pitagorismo. Gregory se dedica longamente à questão do primeiro pitagorismo. Infelizmente, o pitagorismo antigo é nebuloso tanto nas personagens quanto nas ideias e nos documentos e, penso, não se deve culpar o autor se ele não consegue obter aqui os mesmos resultados brilhantes dos capítulos anteriores. Em todo caso, e esta é uma das conclusões que me sinto à vontade de antecipar, o autor faz uma afirmação feliz quando sustenta que, não havendo um corpo doutrinário no antigo pitagorismo, é possível, e até mesmo provável, que alguns pitagóricos tenham acolhido interpretações não naturais dos fenômenos. De minha parte acrescento que, pelos testemunhos, Pitágoras teve como propósito a realização de uma escola, na medida do possível, ‘de massa’; por este motivo, as variações em relação à mensagem original do mestre devem ter sido muitas e provavelmente, como muitas vezes

Galgano, Nicola

GREGORY, Andrew. The Presocratics and the Supernatural.

acontece nesses casos, com interpretações até opostas de um mesmo ensinamento. Entretanto, o caso é inteiramente diferente quando se trata de pitagóricos mais documentados, como Filolau e Arquitas, os quais apresentam uma obra completamente naturalista e nos quais nada se encontra de não natural.

O oitavo capítulo é dedicado a uma análise da numerologia do primeiro pitagorismo. Depois esta numerologia é comparada com aquela usada por Platão, e por fim encontra-se também, sempre em relação à numerologia, uma comparação entre Platão e Kepler. Aqui, porém, o autor parece se aventurar para além de seu próprio terreno e o discurso toca questões francamente metafísicas, sem que Gregory porém ofereça tanto os instrumentos quanto um ambiente crítico adequado ao aprofundamento da discussão. Todavia, não se sentia a necessidade disso, porque uma discussão metafísica sobre a natureza do número transpõe o plano de pesquisa histórica e leva o leitor a reflexões de natureza inteiramente diferente.

Mas, no capítulo nove volta-se à história da filosofia e volta-se com um belo trabalho sobre Empédocles. O siciliano é analisado em sua complexidade, tocando não somente os pontos difíceis mas também enfrentando as ambiguidades, muitas vezes mais aparentes do que reais. Uma bela passagem, por exemplo, é a consideração do papel do ‘acaso’ na cosmologia empedocliana; um outro é uma crítica a Kingsley, arguta como fora uma crítica a Burkert no capítulo sobre o pitagorismo; mais um exemplo ainda é quando põe em evidência o fato de que Empédocles, diferentemente daqueles que o antecederam, não contesta Homero e Hesíodo, opondo explicações naturalistas a explicações teológicas, mas afirma que o homem pode realizar aquilo que em Homero e Hesíodo é prerrogativa dos deuses.

O décimo capítulo trata dos atomistas Leucipo e Demócrito. Apesar de serem considerados entre os mais racionalistas e naturalistas, o autor mostra várias passagens ambíguas, pelas quais não se consegue concluir a favor de seu ateísmo. Este capítulo também resulta interessante e bem estruturado, reportando passagens que se sobressaem na discussão do tema. E com eles o autor fecha a análise dos pré-socráticos.

O último capítulo é dedicado às conclusões, das quais evito falar porque são o resultado de um longo esforço sobre os textos; e posto que me parecem belas conclusões, bem articuladas e não sem deixar ao leitor a decisão sobre passagens particularmente polêmicas, não quero antecipar para não estragar o prazer de quem se debruça sobre a leitura até o final. Uma leitura não difícil, graças ao estilo do autor, mas nem muito fácil, levando em conta a heterogeneidade dos pensadores examinados e de suas ideias. O livro, portanto, é importante

Galgano, Nicola

GREGORY, Andrew. The Presocratics and the Supernatural.

justamente porque logra, de certa forma, harmonizar esta heterogeneidade conseguindo obter um quadro do ambiente intelectual específico no qual eles se movimentavam. Por isso mesmo, pode ser considerado um trabalho de referência para aqueles que necessitam calibrar melhor a medida do naturalismo dos pré-socráticos.

Infelizmente, o leitor mais versado no mundo pré-socrático deve ter notado uma ausência importante. Ao grupo dos autores analisados falta aquele que é o mais misteriosamente representativo da questão natural/sobrenatural, falta um autor que não podia faltar, falta Parmênides, cuja deusa ensina o naturalismo e a racionalidade. Quero acreditar que a dificuldade colocada pela postura singular de Parmênides diante da questão tenha requerido ao autor um esforço suplementar que, assim o desejamos, possa produzir no futuro um trabalho específico.